

## Resenha do livro “Educação Física Menor”

### RESUMO

O livro “Educação Física Menor” problematiza e propõe alternativas diante do chamado currículo cultural ou pós-crítico de Educação Física. Faz isso, a partir de dois gestos: problematizando algumas acepções culturalistas e almejando a singularização ou a minoração das perspectivas “maiores” do componente, a partir de uma conceitualização das filosofias de pensadores como Foucault, Deleuze e Guattari.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação física; Filosofia da diferença; Deleuze; Guattari

**João Pedro Goes Lopes**

Doutorando

Universidade de São Paulo,

Faculdade de Educação,

São Paulo, SP, Brasil

[joaopg.lopes@usp.br](mailto:joaopg.lopes@usp.br)

<https://orcid.org/0000-0002-4415-7603>

**Pedro Xavier Russo Bonetto**

Doutor

Universidade de Pernambuco,

Escola Superior de Educação Física,

Recife, PE, Brasil

[pedro.bonetto@upe.br](mailto:pedro.bonetto@upe.br)

<https://orcid.org/0000-0002-3194-1423>

## **Review of the book "Minor Physical Education"**

### **ABSTRACT**

The book "Minor Physical Education" problematizes and proposes alternatives to the so-called cultural or post-critical curriculum of Physical Education. It does this from two gestures: problematizing some culturalist acceptations and aiming at the singularization or the minimization of the "major" perspectives of the component, from a conceptualization of the philosophies of thinkers such as Foucault, Deleuze and Guattari.

**KEYWORDS:** Physical education; Philosophy of difference; Deleuze; Guattari

## **Reseña del libro "Educación Física Menor"**

### **RESUMEN**

El libro "Educación Física Menor" problematiza y propone alternativas al llamado currículo cultural o postcrítico de la Educación Física. Lo hace a través de dos gestos: problematizando algunos conceptos culturalistas y apuntando a singularizar o disminuir las perspectivas "mayores" del componente, a partir de una conceptualización de las filosofías de pensadores como Foucault, Deleuze y Guattari.

**PALABRAS-CLAVE:** Educación física; Filosofía de la diferencia; Deleuze; Guattari

## INTRODUÇÃO

O presente texto se trata de uma resenha do livro “Educação Física menor”, do professor da Universidade Federal de Lavras (UFLA), Rubens Antonio Gurgel Vieira (2022).

Dessa forma, acompanhamos um extenso texto que instaura o que o próprio autor chama de uma “luta com anjos”, pois “[...] realizei alianças sob rasura, mas, também, arrisquei criações, proposições e sugestões.” (VIEIRA, 2022, p. 283). Advinda de um campo conceitual das chamadas filosofias da diferença, principalmente de Gilles Deleuze e Félix Guattari, apoiado também em intelectuais brasileiros como Silvio Gallo, Alexandre Filordi de Carvalho, Suely Rolnik, as argumentações traçam seus caminhos para pensar o que se convencionou chamar de currículo cultural da Educação Física ou apenas Educação Física cultural. Na medida em que se localiza no movimento território pós-crítico, o livro discute a emergência dessa perspectiva, sua história e o problema do currículo muito paralelizado aos escritos de Marcos Garcia Neira e Mario Luiz Ferrari Nunes; fica também evidente o limiar que ocupa quando apresenta suas críticas aos conceitos centrais do culturalismo: cultura, identidade, representação. Dessa maneira, a posição que o autor se coloca no texto se assemelha como a de um viajante que precisa deixar a sua casa para explorar espaços lisos, ainda não territorializados.

Ainda no início anuncia suas duas maiores pretensões: entender o currículo como produção de subjetividade “[...] irei problematizar alguns dos usos da teoria cultural na Educação Física, olhando para o currículo como espaço de produção de subjetividades.” (VIEIRA, 2022, p. 28); e engendrar abalos ao plano de imanência do currículo cultural e ao que se entende por pós-crítico, sem, evidentemente, recusá-los.

Este livro se posiciona justamente neste contexto, ainda inserido na divisão ao se colocar como um estudo pós-crítico, porém buscando ir além ou ao menos problematizar algumas simplificações dos elementos em comum aos autores e autoras pós-críticos, buscando então certa singularização a partir de uma interpretação própria de pensadores como Foucault, Deleuze e Guattari (VIEIRA, 2022, p. 29).

O livro, de aprofundamento teórico denso, gasta várias linhas no início para posicionar didaticamente o/a leitor/a em relação à alguns pontos, como por exemplo, a predominância do culturalismo no campo pós-crítico da Educação Física; do que se trata a filosofia da diferença e como ela vem ganhando corpo no campo educacional; e a que se refere em relação ao conceito de menor, que remete à filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, mas que credita a Silvio Gallo a

reterritorialização no campo da educação<sup>1</sup>. Ainda que de forma muito didática, o que é uma intenção bastante elogiável, o texto também acaba por incorrer, principalmente em seu início, naquilo que ele mesmo crítica, ou seja, uma exegese conceitual bastante longa que pouco servirá para o empenho do seu capítulo final, o ato mais importante da sua construção. Nesse sentido, deixa de operar com o deslocamento que propõe para explicá-lo, situá-lo, criar sua história, distanciando sua escrita de um fazer em rizoma.

Em paralelo à discussão do conceito de “menor”, o texto nos leva ao que chama de *maior* ao localizar na história da educação e da sociedade o valor imperioso que se deu (e se dá) à razão e às escolas de pensamento racionalista. Em argumentos sólidos, demonstra como o projeto de sociedade ocidental é fundamentado sobre uma forma de enxergar o mundo (ou de cortar o caos) bastante atrelada aos pressupostos iluministas, positivistas e modernos. De tal forma, que a Educação Física, filha da modernidade é cooptada a participar dessa constituição almejada, onde lhe reservam tarefas ligadas ao governo dos corpos, à higiene, à inculcação de um espírito esportivo e meritocrático, de ordem e respeito aos superiores e de desenvolvimentismo psicobiológico.

Uma Educação Física moderna, em suas manifestações ginástica e esportivista, é maior na proporção em que é considerada pelo Estado como o caminho efetivo de formação do corpo, entendida cientificamente como um processo verdadeiro, organizando-se num modelo disciplinar que esquadriha os corpos, impõe códigos de ordem e hierarquia, cria subjetividades afeitas a certa visão de mundo e alinhadas com anseios políticos e sociais de determinados grupos. Em síntese, a Educação Física serve, do seu nascimento até algumas composições atuais, a um projeto maior (VIEIRA, 2022, p. 85).

De acordo com o autor com o passar das décadas, novos movimentos no campo como o crítico-superador, crítico-emancipatório e a Educação Física cultural, foram capazes de produzir linhas de fuga e sobrecodificações à Educação Física escolar, demonstrando a potência do que contorna, resiste e faz fugir, e que, nessa perspectiva, constituem o que se chama de “menor” no encaminhamento histórico:

O impulso para uma Educação Física crítica veio das mais diversas fontes, de correntes da filosofia como o marxismo (Soares *et al*, 1992) e a fenomenologia (Kunz, 1994) e, mais recentemente, de teorizações pós-críticas (Neira; Nunes, 2006; 2009a). Enfim, emerge um devir-menor no campo. (VIEIRA, 2022, p. 92).

É assim que o trabalho não se furta em dizer que a Educação (e a Educação Física) menor são produções heterotópicas, pois somente com a criação de espaços outros é que o seu emergir seria possível.

---

<sup>1</sup> Para o autor o marco de tal deslocamento data de um texto de Gallo de 2002, “Em Torno de uma Educação Menor”, no qual o professor e filósofo faz o esforço de pensar as características da literatura menor na imanência da educação.

Localizando-se, como dito, no campo pós-crítico e explicando de maneira detalhada as suas áreas de composição, a pesquisa lança um questionamento central para o resto da obra e que o faz carregar de maneira intensa o peso da sua discussão de limiar: sabemos que o currículo cultural se localiza no campo pós-crítico, no entanto, sua efetuação se dá paralela às forças maiores ou às potências menores? A resposta categórica é impossível, mas se encaminha problematizando, pelo caminho da desconfiança, pois encontram-se forças maiores e menores em atuação no currículo cultural, como em qualquer outro currículo. Há um contorno da própria problematização para colocá-la em outros termos, passando a questionar a ‘rota cultural’ como a hegemônica.

Para o autor, há um valor ainda pouco explorado na experimentação de trabalhos que intentem liberar o desejo do investimento reacionário, fascista e paranoico.

O que estamos questionando é a aposta pela via única do reconhecimento cultural com eventual fortalecimento democrático, afinal, quem garante que reconhecer o regime de forças leva a uma ética democrática? Quem garante que as aulas terão efeitos sociais mais amplos e perdurarão na memória dos alunos? Penso que as aulas de Educação Física podem, além de servir para a consciência das relações de luta, produzir novos pensamentos, possibilitar experimentações corporais libertadoras do desejo reacionário: aula enquanto acontecimento, um valor intrínseco, uma teleologia menor (VIEIRA, 2022, p. 132).

Aqui está o mote da discussão que pretende levantar e o segundo deslocamento do conceito de “menor” que o livro efetua, o mais importante, ao nosso ver, quando o texto passa a caminhar em solidão: não se trata mais de um “menor” como força histórica, mas agora de um “menor” revolucionário, se podemos dizer – microrrevolucionário.

Dessa feita, de acordo com as proposições do livro em questão as microrrevoluções, cotidianas, imanentes, estão em grande medida associadas à produção de linhas de fuga e de espaços heterotópicos não tributários à força do capitalismo neoliberal e do governo do Estado. Assim, a Educação Física menor tem o compromisso de vislumbrar essa possibilidade, oportunizando aos agentes que participam do processo educacional práticas corporais que inventem novas subjetividades, ainda mais singulares.

Isto se deve ao fato de que a construção de si e do mundo de forma múltipla é impedida ou dificultada pelos dispositivos de uma governamentalidade neoliberal que definem e referenciam políticas públicas e práticas disciplinadoras, que em última instância capturam a força desejante para colocar em funcionamento os princípios de um sistema capitalístico. Em suma, para nos movermos em direção a uma escola comprometida com micropolíticas que visem à liberação de subjetividades diferenciais devemos operar dentro de um contexto micropolítico revolucionário denominado por (Gallo, 2002) como educação menor (VIEIRA, 2022, p. 182).

Não há modelos e o texto recusa deliberadamente essa posição. É preciso fazer justamente o exercício dos escritos - a experimentação, a desterritorialização, as composições possíveis.

Rumando para o final da obra, o texto elege uma via possível de continuidade e contribuição, a da aprendizagem - justamente porque vê aí uma fraqueza em relação aos estudos pós-críticos, com foco na perspectiva cultural da Educação Física. Para tanto, reitera uma noção específica de sujeito, pondo em pauta o problema da singularidade (ou da singularização) no pensamento de Gilles Deleuze, abrindo caminho, então, para a sua projeção final, que é onde os escritos de Vieira (2022) se deslocam à máxima distância geofilosófica da perspectiva cultural, a apresentação das 19 pistas da aprendizagem: “transformação subjetiva – tornar-se outros(as)” (p. 247); “intuição” (p. 249); “micropolítica cognitiva” (p. 249); “descodificar, produzir linhas de fuga, esquizofrenizar” (p. 255); “inventar um corpo sem órgãos (CsO) para si.” (p. 255); “esquizopolítica” (p. 256); “estar sensível aos signos” (p. 256); “processo sensorio-corporal” (p. 257); “acoplação maquínica” (p. 258); “um corpo em constante reconstrução” (p. 259); “multiplicidade” (p. 259); “movimento rizomático” (p. 260); “processo do qual não temos controle” (p. 261); “invenção de problemas” (p. 261); “mudança de natureza (duração pré-individual)” (p. 262); “gastar tempo” (p. 262); “singularizar, diferenciar na repetição” (p. 262); aprender “junto com alguém e não a partir de alguém” (p. 263); “afirmar a vida” (p. 263).

Somadas a essas pistas, Vieira (2022) sugere outras 13 virtualidades didáticas: “possuir uma postura sensível ao devir” (p. 270); atenção “às misérias” (p. 271); modular “o controle” (p. 271); “experimentação de encontros” (p. 272); “organizar encontros” (p. 272); “produzir singularidades” (p. 273); sensibilidade às “outras paixões” (p. 275); “dar aulas sobre o que buscamos aprender” (p. 275); “cartografar a possibilidade do desejo *esquizo*” (p. 276); “não se apaixonar pelo poder” (p. 277); “articulação entre a micro e a macropolítica” (p. 278); “promoção de microrrevoluções” (p. 279); “produzir máquinas de guerra” (p. 281).

Eis que a partir desse plano de imanência o autor lança o seu principal conceito, a esquizoaprendizagem, nesse sentido, um aprender-*esquizo* é a possibilidade de ser afetado, é inventar um CsO para si, é descodificar, produzir linhas de fuga, esquizofrenizar. No entanto, cabe afirmar que a esquizoaprendizagem é um conceito de conexão e não de interpretação. Ela não se reduz às pistas, mas se constitui por elas.

Por fim, enquanto uma potencial máquina de guerra (conceito deleuziano que ilustra fluxos de singularidade que irrompem subjetividades capitalísticas), o livro esquia-se de curricularizar uma nova “abordagem” denominada Educação Física menor. Os apontamentos do livro problematizam, mas não destroem as assertivas do currículo cultural, buscam apenas operar com o conceito e nos

levam a questionar, à maneira de “O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia” (DELEUZE; GUATTARI, 2011): como isso funciona na escola e que espécie de agenciamentos efetua?

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

VIEIRA, Rubens Antônio Gurgel. **Educação Física Menor**. Jundiaí [SP]: Paco, 2022.

## NOTAS DE AUTOR

**AGRADECIMENTOS** – não se aplica

**CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA** - não se aplica

**FINANCIAMENTO** - não se aplica.

**CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM** - não se aplica.

**APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA** - não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não existe conflito de interesses.

### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike \(CC BY-NC SA\) 4.0 International](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.



## **EDITOR DE SEÇÃO**

Silvan Menezes dos Santos

## **REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS**

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

## **HISTÓRICO**

Recebido em: 25.07.2023

Aprovado em: 12.12.2023

